

Poemas | Nicolas Behr

14/01/2020

Antimusa

escreva
não me mostre
nunca publique

*

queremos mais que palavras

sem palavras estamos desarmados
sem palavras não existimos
sem palavras estamos mudos, extintos

quer mais que palavras?

então te cala

Amor líquido

sem beijo
as salivas se revoltam

boca desértica
língua de areia
lambendo tamanduás

quando nos beijamos
lagoas de desejos nos inundam,
peixes se dissolvem
águas se liquefazem

eu quero é me afogar
nesse pântano de cuspe

tuiuiús tuiuiuam
sobre nossos lábios,
barrancos a desmoronar

jacarés mordem
nossas línguas

capivaras pastam
entres os dentes

irritantes garças bicam os céus
de nossas bocas

*

no teu túmulo
o meu tumulto

queria um assim pra mim

serás enterrado em cova rasa
e tua carne devorada pelos cães

devolvi o livro e praguejei

isso de nada adianta
pois os cães devorarão também
teu livro raso

*

o que dizer
da forma mais simples
que pareça complexo?

por que a poesia
se esconde indelével
entre as nuvens?

por que a poesia
desaparece nessas horas
com seu ar diáfano?

são as novas idiossincrasias
dos velhos paradigmas, meu caro

Autobiográfico

alcina cuida da casa
o poeta pensa no acaso

ela faz contas
eu faço de conta

ela entre notas fiscais
oh, efusões verbais!

pagar o boleto
ou protestar o soneto?

alcina no supermercado
escolhe o poeta
do superego fatiado

alcina resolve o problema
o poeta reescreve o poema

poesia primeiro
dinheiro depois

eu e alcina
catando letrinhas
(ou seriam moedinhas?)
no feijão com arroz

*

depois que você morreu
fiz novamente aquela viagem
pelas estradas de terra do cafuringa,
o mesmo roteiro

mas esperei chegar
a estação seca
quando a passagem dos carros
levanta muita poeira

para eu me lembrar
no que você se tornou

*

finalmente te perdi
e a reconquista
se inicia

o território é o seu corpo
o inimigo a brutalidade
(alcina um dia me disse:
eu não sou só buracos)

minhas armas
sempre falham
nos campos de batalha
da alma

avanço mas abraço o vazio

*

o que estraga
o poema
é o sentimento

sinto muito

NICOLAS BEHR nasceu em Cuiabá, em 1958, e vive desde 1974 em Brasília.
Associado à geração mimeógrafo e à poesia marginal brasileira, publicou mais de

20 livros desde 1977, quando estreou com *logurte com Farinha*. Foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura em 2008 com *Laranja Seleta: Poesia Escolhida* (1977-2007). Trabalhou como redator publicitário, fundou várias ONGs ambientalistas no Distrito Federal e hoje se dedica profissionalmente a um viveiro de plantas. Os poemas publicados pelo **Cândido** fazem parte dos livros inéditos *Alcina*, e *O Itinerário do Curativo*.